

Museus: patrimônio de natureza investigativa interdisciplinar

Museums: interdisciplinary investigative nature of heritage

Museos: patrimonio de naturaleza investigadora interdisciplinaria

Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes¹
João Carlos Ferreira de Melo Júnior²
Dione da Rocha Bandeira³
Cibele Dalina Piva Ferrari⁴

Recebido em: 15/8/2019
Aceito para publicação em: 1.º/11/2019

¹ Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille).

² Doutor em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do curso de Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille.

³ Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora dos cursos de História e Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. Arqueóloga do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (Masj).

⁴ Doutora em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille e professora da Unisociesc.

Resumo: Este trabalho objetiva ampliar as reflexões teóricas acerca dos museus como espaços plurais de cultura para o desenvolvimento da pesquisa científica em caráter interdisciplinar. Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, o Grupo de Pesquisas Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural (Geipac) desenvolve, desde 2006, estudos ligados ao patrimônio cultural vinculados direta ou indiretamente a museus brasileiros ou do exterior. O grupo possui três linhas investigativas: 1) Museus e Representações; 2) Patrimônio Arqueológico e Cultura Material; 3) Patrimônio Florestal. Com corpo teórico-conceitual e metodológico distinto entre si, essas linhas se relacionam com os acervos museológicos por meio de suas especificidades, imprimindo um diálogo próprio e a produção de informações capazes de ampliar o espectro de conhecimentos sobre os bens culturais pesquisados. Dessa forma, a pesquisa é uma importante função dos museus, cujo sentido se completa quando o conhecimento interage com a sociedade ou com o seu público.

Palavras-chave: patrimônio cultural; pesquisa interdisciplinar; museu.

Abstract: This paper aims to expand the theoretical reflections about museums as plural cultural spaces for the development of interdisciplinary scientific research. Linked to the University of the Joinville Region (Univille)'s Post-Graduation Program in Cultural Heritage and Society, the Research Group Interdisciplinary Cultural Heritage Studies (Geipac) has developed, since 2006, studies related to cultural heritage related directly or indirectly to Brazilian or foreign museums. This group has three investigative lines: museums and representations; archaeological heritage and material culture; and forest heritage. Having distinct theoretical-conceptual and methodological sets, these lines connect to the museum collections based on their specificities, creating their own dialogue and the production of information capable of expanding the spectrum of knowledge about the researched cultural goods. In this way, the research is an important function of museums, whose meaning is completed when knowledge interacts with society or with the public.

Keywords: cultural heritage; interdisciplinary research; museum.

Resumen: El objetivo de este artículo es ampliar las reflexiones teóricas sobre los museos como espacios culturales plurales para el desarrollo de la investigación científica interdisciplinaria. Vinculado al Programa de Posgrado en Patrimonio Cultural y Sociedad de la Universidad de la Región de Joinville (Univille), el Grupo de Investigación Estudios Interdisciplinarios del Patrimonio Cultural (Geipac) ha desarrollado, desde 2006, estudios relacionados con el patrimonio cultural ligados directa o indirectamente a museos brasileños o extranjeros. El grupo tiene tres líneas de investigación: museos y representaciones; patrimonio arqueológico y cultura material; y patrimonio forestal. Con cuerpos teórico-conceptuales y metodológicos distintos, esas líneas están relacionadas con las colecciones del museo en función de sus especificidades, imprimiendo su propio diálogo y la producción de información capaz de expandir el espectro de conocimiento sobre los bienes culturales investigados. De esta manera, la investigación es una función importante de los museos, cuyo significado se completa cuando el conocimiento interactúa con la sociedad o con su público.

Palabras clave: patrimonio cultural; investigación interdisciplinaria; museo.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da comunicação que tratou das pesquisas sobre museus e seus acervos, desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisas Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural (Geipac) da Univille. A comunicação que deu origem ao artigo teve a pretensão de englobar o tema da 13.^a Primavera de Museus, do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) – “Museus por dentro, por dentro dos museus” –, assim como o tema da mesa em que esteve inserida, no III Seminário Municipal de Políticas Culturais em Museu e Espaços de Memória, que se realizou junto com o IV Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural (Enipac) – “O museu que temos e o museu que queremos”. Entendeu-se que a pesquisa perpassa a maior parte das atividades internas de um museu, como também é necessária para conhecermos “o museu que temos” e cogitar o que se pode alcançar com ele no futuro. Os “museus são casas de pesquisa [...], a pesquisa é uma função básica do museu. Ela faz parte da identidade do museu”; este “tanto pode ser um lugar de produção de pesquisas quanto pode ele mesmo ser transformado em objeto de pesquisa” (CHAGAS, 2005, p. 61).

Este artigo discutirá o museu enquanto objeto de pesquisas, utilizando como estudo de caso aquelas desenvolvidas pelo Geipac da Univille, do qual fazem parte os autores deste texto.

A FUNÇÃO SOCIAL DA PESQUISA NOS MUSEUS

Pensar na pesquisa como uma função social dos museus não é novidade. Desde a Mesa de Santiago do Chile em 1972 que essa premissa está posta como um dos pilares da relação museu-sociedade. Tal relação tem sido feita desde que os primeiros museus foram criados no Brasil, destacando-se o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Museu Paulista e o Museu Emílio Goeldi, que foram, durante muitos anos, os principais pilares da pesquisa no país durante o século XIX e início do XX, aos quais vieram se juntar, mais tarde, as universidades.

Falando sobre a atual situação dos museus brasileiros, como a que culminou no fatídico incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro, ocorrido em 2 de setembro de 2018, Brulon (2018) salienta a importância da pesquisa para os museus, afirmando que ela é a função primordial da museologia e dos museólogos:

Somos pesquisadores que pensam os processos, percursos e biografias que levam as coisas a receberem valor de transmissão, valor este que, de forma específica e ao mesmo tempo ampla, convencionamos chamar de *musealidade* (BRULON, 2018, p. 19).

Scheiner (2005, p. 95) define essa musealidade como a “relação muito especial entre homem, espaço, tempo e memória”, sendo, dessa forma, dinâmica, mutável. Para essa autora, os museus e a musealidade são campos de representações definidas pelos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade “de acordo com os valores próprios de seus sistemas simbólicos”. Assim, “o que cada sociedade percebe e define como Museu pode mudar, de acordo com o processo de evolução de seu substrato simbólico e com as dinâmicas de re-significação de suas representações” (SCHEINER, 2005, p. 95).

Portanto, “a musealidade é um valor criado pela *mudança cultural*. Ela atesta a crença na diferença reconhecida entre o universo banal e o universo mágico criado pela musealização, e logo ela é produzida por meio da *performance* museal” (BRULON, 2018, p. 28).

Scheiner (2005, p. 95) afirma que o “museu é processo, e não produto cultural: está em contínua mutação, dá-se no instante, define-se na relação – sendo capaz de representar, simultaneamente, os planos de realidade do Mesmo e do Outro, em todas as suas

manifestações”. O desafio, segundo a autora, é compreender o museu para além do objeto, como fenômeno e categoria de representações (SCHEINER, 2005, p. 88).

Partindo das discussões postas por Scheiner (2005) e também por outros autores, Brulon (2018) chama a atenção para a necessidade de os museus insistirem na pesquisa, apesar dos percalços pelos quais a área está passando atualmente, mas enfatiza que os museus brasileiros precisam abandonar as amarras coloniais e se repensarem. Assim como apontou Scheiner (2005), Brulon (2018, p. 26) acrescenta a necessidade de que as pesquisas transcendam os objetos e abarquem todo o processo de musealização, desde a coleta até a comunicação e os diferentes agentes envolvidos no processo, inclusive o público, os museólogos e os pesquisadores de dentro e de fora dos museus, já que

[...] a pesquisa gera um dado discurso sobre a materialidade das coisas elevadas ao estado de *musealia*. Não se trata de um processo metafísico, mas epistêmico, em que um certo corpo de conhecimentos específicos serve para explicar determinados fragmentos da realidade experienciada, selecionados – por alguém que detém autoridade – entre as diversas possibilidades que se apresentam à musealização (BRULON, 2018, p. 27).

Reconhecendo, portanto, a necessidade e as limitações da pesquisa endógena, Brulon acompanha o pensamento do museólogo croata Ivo Maroević (2004) de que o objeto material presente em uma dada realidade, no caso o museu, documenta outra realidade, muitas vezes não compreendida ou absorvida em sua totalidade.

Ao defender a continuidade das pesquisas nos e sobre os museus brasileiros, Brulon (2018, p. 32) conclui:

Não existe museu sem pesquisa; e certamente não haveria Museologia. Logo, a sobrevivência da nossa área, entendendo a museologia como um campo organizado a partir de um saber-fazer específico e teoricamente fundado, está invariavelmente ligada à sobrevivência da pesquisa nos museus, nas universidades, sobre os museus e os patrimônios culturais, e sobre a própria museologia.

Assim, por sua importância social e científica, os museus e todas as variantes que os compõem – acervos, equipes técnicas, atividades exercidas, processos educativos, institucionais, entre outros – devem ser continuamente objetos de pesquisa não só dos próprios museus, mas também das universidades e de outros institutos de pesquisa.

[...] é na formação de redes de conhecimento que a Museologia poderá encontrar base para o estudo e a análise da essência do Museu, assumindo definitivamente a perspectiva da contemporaneidade: perceber-se a si mesmo em completo e contínuo devir (SCHEINER, 2005, p. 99).

A pesquisa é, portanto, uma importante função dos museus, mas ela só tem sentido se seus resultados forem direcionados à sociedade ou a seu público. Entre as diferentes definições de museus, aquelas que os ligam à sociedade ou a seus públicos são as mais aceitas, entendendo o público como algo amplo que engloba não só as pessoas que os visitam, mas também todas as pessoas envolvidas no processo museal (técnicos, funcionários, pesquisadores, fornecedores etc.) (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

A relação dos museus com a pesquisa em prol da sociedade pode ser comparada à desenvolvida pela pesquisa e pela extensão nas universidades: “As universidades [...] obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988).

O GEIPAC E AS PESQUISAS SOBRE MUSEUS NA UNIVILLE

O Grupo de Pesquisas Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural (Geipac) é uma atualização do Grupo de Pesquisa de História Regional, que foi oficializado em 2002 e que desde 2006 se direciona para os estudos ligados ao patrimônio cultural. Anteriormente à oficialização do grupo na Plataforma de Grupos do CNPq, o Grupo de Pesquisa de História Regional já existia na Univille e funcionava ligado ao curso de História, promovendo pesquisas aos estudantes, por iniciativa individual de uma das autoras. Foi ligado a essa iniciativa o projeto “O confronto entre índios e colonos na Dona Francisca (1851-1900)”, desenvolvido entre 1995 e 1998 pela então acadêmica do curso de História Sandra Godinho Maggesi Pereira e orientado pela professora Sandra P. L. de Camargo Guedes como o primeiro projeto do recém-criado Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Pesquisa (Pibic) da Univille. Esse texto e outros dois projetos de iniciação científica foram publicados, posteriormente, no primeiro Caderno de Iniciação à Pesquisa da Univille, em 1999 (PEREIRA; GUEDES, 1999).

Após a oficialização do grupo na Plataforma de Grupos do CNPq, ele passou a ser contabilizado como tal, sendo o quinto grupo de pesquisas da Univille (UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE, 2019, p. 91). Naquele momento estava em desenvolvimento o projeto de pesquisas “O hospital público e o imaginário social no fim do século”, ligado à linha das representações sociais e que resultou no livro “Hospital público é assim mesmo!” – representações sociais sobre um hospital público no final do século XX (GUEDES; FINDLAY, 2003). De 2003 a 2006 o grupo desenvolveu o projeto “Representações sociais sobre o patrimônio histórico e pré-colonial dos municípios circunvizinhos à Baía da Babitonga”, que possibilitou uma maior proximidade com as cidades que fazem parte da área de abrangência da Univille e as pesquisas interdisciplinares, principalmente as voltadas ao patrimônio cultural. Entre 2010 e 2012 o grupo trabalhou em uma grande pesquisa interdisciplinar dirigida ao patrimônio cultural da Ilha da Rita e do Distrito do Saí, em Santa Catarina, que envolveu profissionais e estudantes das áreas de História, Arqueologia, Arquitetura, Biologia, Sociologia e Geografia, entre outros projetos (GUEDES; BANDEIRA, 2019).

Atualmente os projetos do Geipac estão sendo construídos e desenvolvidos por três frentes: Museus e Representações; Patrimônio Arqueológico e Cultura Material; Patrimônio Florestal. Com natureza distinta entre si, tais frentes de investigação científica se relacionam com os acervos museológicos mediante suas especificidades conceituais e metodológicas, imprimindo um diálogo próprio e a produção de informações capazes de ampliar o espectro de conhecimentos sobre os bens culturais pesquisados.

Museus e Representações: Essa frente de pesquisas do Geipac estuda o patrimônio cultural e suas relações com a memória, a história e a museologia. Realiza estudos das representações sociais com foco em inventário de bens culturais, museus, espaços de memória e suas funções sociais. Mobilizando a História, a Museologia e a Psicologia Social de forma interdisciplinar e utilizando as teorias da história, da memória, da museologia, das representações sociais, do discurso e da linguagem, assim como as metodologias ligadas a essas teorias e disciplinas, pretende compreender quais são as funções sociais exercidas, principalmente por museus e espaços de memória, em âmbito nacional e internacional, como a sociedade vê esse patrimônio e quais os sentidos que dá a ele.

Respeitando sempre as competências e possibilidades dos estudantes da graduação e da pós-graduação, essa frente de pesquisas do Geipac tem trabalhado com museus dentro e fora da cidade de Joinville, com temáticas relacionadas às representações sociais acerca dessas instituições, sobre acervos e também análises teóricas mais abrangentes, como o trabalho “As representações de surdos adultos sobre o patrimônio cultural da cidade de Joinville” (GUEDES; LOURENÇO, 2017), que enfocou o patrimônio surdo, trazendo elementos importantes para que o patrimônio cultural seja realmente inclusivo, visto que o desconhecimento sobre as reais necessidades do povo surdo leva, muitas vezes, a decisões caras, mas pouco eficazes.

O outro recorte está voltado a conhecer as representações que museus do exterior têm sobre o Brasil e os brasileiros. Nesse recorte interessam os países que tiveram algum tipo de relação comercial, política ou cultural com o nosso país, principalmente durante o século XIX. As relações internacionais ligadas ao tráfico de escravos e às migrações, por exemplo, deixaram marcas profundas na cultura do nosso país, tanto materiais como imateriais, e muitas vezes são representadas em diferentes lugares de memória (NORA, 1993): museus, cemitérios, memoriais, monumentos, festas e tantos outros. Porém será que o mesmo acontece nos demais países envolvidos? Nesse sentido, algumas pesquisas já foram desenvolvidas, como: a que estudou o Museu dos Compatriotas Emigrantes para o Brasil, na República Tcheca (SAMBATI; GUEDES; POLAKOVIC, 2014); a que buscou as representações do Brasil em museus de Portugal (GUEDES; MOUTINHO, 2015); a que investigou as representações do Brasil no Slave History Museum, na Nigéria (CARDOSO; GUEDES, 2016); ou as que analisaram as representações do Brasil nos museus envolvidos na guerra contra o Paraguai (HOIÇA; GUEDES, 2018; KREISCH; GUEDES, 2014). Na perspectiva dos estudos teóricos tem-se, ainda, aqueles que analisaram os conceitos de memorial (GUEDES; ISSBERNER, 2017) e de lugares de memória (VIERTTEL; GUEDES, 2019), a título de exemplos.

Patrimônio Arqueológico e Cultura Material: A frente que trabalha com a cultura material e o patrimônio arqueológico desenvolveu pesquisas de mestrado que estudaram a identificação do público com a exposição arqueológica (ESTEVÃO; BANDEIRA, 2013), o colecionismo (SILVA; BANDEIRA, 2019), a conservação de materiais encharcados (SANTOS *et al.*, 2013) e outras coleções arqueológicas como restos de fauna, materiais cerâmicos e esculturas de rochas, todos relacionados aos sambaquis e ao Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (Masj). Nesses temas destacamos a dissertação *As possibilidades de identificação do público com a Pré-História regional a partir do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville/Santa Catarina*, que analisou a exposição de longa duração do Masj intitulada Pré-História Regional (ESTEVÃO, 2012). Por outro lado, diversos são os estudos que têm os acervos arqueológicos e as sociedades indígenas como tema de pesquisa. Nesse sentido, é referência a dissertação *O patrimônio arqueológico guarani no litoral norte de Santa Catarina – um estudo a partir de acervos cerâmicos e questões de etnicidade* (ALMEIDA, 2017).

As pesquisas em tal linha têm como característica a produção de coleções arqueológicas. Nos últimos anos, o Projeto Patrimônio Arqueológico Pré-Colonial Costeiro – Relações entre Cultura Material e Ambiente nas Sociedades Sambaquianas tem se direcionado principalmente para a região da Praia Grande, São Francisco do Sul, onde há 32 sambaquis. Destes, um foi escavado e 26 amostrados, gerando materiais que farão parte do acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (BANDEIRA *et al.*, 2018). Por sambaquis nos referimos aos sítios arqueológicos pré-coloniais que se caracterizam pelo acúmulo intencional de conchas de moluscos, formando montes que ocorrem ao longo das regiões costeiras do mundo, muitas das vezes se apresentando como monumentos que são “marcadores da paisagem” (ROKSANDIC *et al.*, 2014, p. XIII). Pela presença das conchas, as condições para a preservação de remanescentes arqueológicos são favoráveis, sendo possível encontrar muitos ossos e vestígios vegetais conservados. Tais sítios são vistos como arquivos dos ambientes passados e também como museus a céu aberto; no caso do Museu Arqueológico de Sambaqui, os sambaquis da cidade são considerados acervos extramuros ou acervos *in situ*.

A apropriação e a valorização pelas sociedades atuais desses bens dependem da interpretação que se faz deles. O que são? Como e quando foram construídos? Por que há variações de forma, tamanho e locais em que foram construídos? Como era a organização das sociedades que os erigiram? Como os indivíduos se relacionavam entre si, com outras sociedades e com o ambiente costeiro? As respostas a tais perguntas, e outras, além de nos fazerem conhecer e compreender o passado, permitindo-nos atribuir outros sentidos aos bens patrimoniais e à nossa memória cultural, nos trazem *insights* para problemas contemporâneos, como as questões sobre sustentabilidade ambiental⁵, diversidade cultural, povos indígenas etc.

⁵ Estamos considerando a capacidade de uma sociedade de satisfazer as próprias necessidades sem reduzir as oportunidades das gerações futuras.

Além das pesquisas produzidas pelo grupo, uma parceria que tem pesquisador externo com projeto que estuda a questão alimentar entre sambaquis da região tem colaborado com o avanço da linha com o estudo de coleções existentes e a produção de novas coleções museológicas (FOSSILE *et al.*, 2019a, 2019b).

Patrimônio Florestal: Ao investigar as relações de uso e apropriação da floresta pelas sociedades humanas na produção do patrimônio cultural brasileiro, as pesquisas dessa frente enfatizam o registro de conhecimentos sobre a relação sociedade x natureza; a identificação das matérias-primas usadas na produção de diferentes tipologias de objetos e bens culturais componentes do patrimônio nacional; o reconhecimento dos processos de transformação dos recursos florestais em cultura material que revelem saberes tradicionais sobre esses recursos pelas sociedades humanas; a associação do uso de recursos florestais ao modo de vida e ao universo simbólico das sociedades humanas por meio de saberes e memórias; e a produção de informações úteis às ações de conservação e restauro do patrimônio cultural material.

Parte-se do pressuposto do reconhecimento de que grande parte dos objetos e bens culturais brasileiros, tombados e salvaguardados em museus, resulta da apropriação dos recursos oferecidos pela natureza. Isso dá a possibilidade, por meio da investigação da cultura material produzida pelas sociedades humanas, de se aproximar do sentido simbólico ou real da relação estabelecida entre as sociedades humanas e o patrimônio cultural, permeado pelas memórias e pelos saberes tradicionais sobre os ambientes naturais e seus recursos (MELO JÚNIOR, 2012b).

Por meio da cultura material pertencente a determinados acervos museológicos, desvela-se a relação homem x natureza como parte indissociável das expressões culturais e da produção do patrimônio cultural no Brasil (MELO JÚNIOR, 2017), uma vez que a natureza se integra como provedora de formas de vida, identidades, imaginários e manifestações simbólicas das populações brasileiras (MINC, 2009). O uso das plantas pelas sociedades humanas é tão vasto e antigo tal qual as suas próprias origens, seja pelas necessidades mais elementares ligadas ao forrageamento de alimento (MELO JÚNIOR; MAGALHÃES, 2015), seja pelas complexas apropriações da natureza associadas aos modos de vida e ao universo simbólico das sociedades humanas. Em ambas as dimensões, o conhecimento, inicialmente experimental de tentativas e erros, cede espaço ao domínio tecnológico sobre o uso de determinadas essências florestais que permeia a sistematização de saberes acumulados e transmitidos de geração a geração, muitas vezes somente pela oralidade.

Associada aos saberes tradicionais sobre as florestas, é possível observar a presença de recursos como a madeira, num vasto conjunto de obras, objetos, elementos arquitetônicos e bens que caracterizam a multiplicidade das culturas humanas, heranças e períodos históricos (LYRA, 2006). Entre os vários recursos oferecidos pela natureza, a madeira é reconhecidamente a matéria-prima de maior importância tanto para o desenvolvimento das sociedades humanas quanto para a produção da cultura material ao longo dos períodos históricos do país. Assim, olhar para determinados objetos culturais é, em extensão, voltar o olhar para as florestas e as funções que estabelecem com o patrimônio. Em adição, considerando que muitos museus salvaguardam bens culturais que representam apenas os grupos sociais eleitos pela história oficial, dando-lhes direito à memória, estudar as madeiras utilizadas na produção desses bens culturais abre outra perspectiva. São trazidas à tona as personagens apagadas pela história oficial, pois foram algumas delas as pessoas que detinham o conhecimento sobre as florestas e seus usos tecnológicos. Isso equivale a dizer que, apesar de determinado bem cultural em madeira ter pertencido a certo vulto histórico e com grande destaque social, foram os carpinteiros, artesãos e mestres de obras que

habilidosamente manipularam os recursos florestais, transformando seu etnoconhecimento em cultura material. Estudos realizados por essa frente investigativa têm evidenciado que o uso histórico das espécies provenientes de formações florestais da mata atlântica ou de outros biomas brasileiros está diretamente relacionado aos seguintes aspectos: 1) etnoconhecimento sobre as propriedades físico-químicas e mecânicas das madeiras e sua finalidade pretendida; 2) tamanho dos estoques naturais das espécies de interesse; 3) distribuição geográfica das espécies. Nesse sentido, a linha “Patrimônio Florestal” tem produzido informações sobre as madeiras históricas usadas: na construção de edificações históricas musealizadas ou integrantes dos próprios museus (ANDREACCI; MELO JÚNIOR, 2011; MELO JÚNIOR, 2017); na vida cotidiana das sociedades que ocuparam o nordeste de Santa Catarina nos séculos passados (MELO JÚNIOR, 2011, 2012a, 2012b; MELO JÚNIOR; BOEGER, 2015; RODRIGUES; MELO JÚNIOR, 2015); em artefatos indígenas (MELO JÚNIOR; GOMES-SILVA; OURIQUES, 2013); na construção de embarcações tradicionais brasileiras (MELO JÚNIOR; BARROS, 2017a, 2017b, 2017c; MELO JÚNIOR *et al.*, 2017; MELO JÚNIOR *et al.*, 2019).

Desde seus primórdios o Geipac tem estudado e formado pesquisadores com base em investigações sobre os museus da cidade e de fora dela. Foram identificados 121 trabalhos publicados, entre artigos completos (60), resumos para eventos científicos (38), capítulos de livros (6) e um livro, além de 33 projetos de iniciação científica orientados e 16 dissertações de mestrado concluídas e uma tese de doutoramento em curso voltados a essas temáticas.

Entre os artigos completos publicados pelo grupo, 11 foram sobre o Museu Nacional de Imigração e Colonização, 7 sobre o Museu Arqueológico de Sambaqui e 3 sobre o Museu de Arte, todos de Joinville, sendo as demais produções relacionadas a museus de outras cidades do Brasil e do exterior, assim como trabalhos que trazem discussões teóricas diversas acerca de museus, espaços de memória ou cultura material de maneira geral.

Desde 2008 pesquisadores do Geipac estão ligados ao Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, que a partir de 2018 passou a ser um programa de mestrado e doutorado; outros professores do programa, não pertencentes ao grupo, orientaram mais oito dissertações ligadas a temáticas voltadas aos museus.

Pode-se acrescentar às produções bibliográficas resultantes dessas pesquisas a importância da formação das pessoas envolvidas em tais projetos. Os graduandos e pós-graduandos formados com a participação nesses projetos de pesquisa serão profissionais que terão os museus como objeto de cuidado e de preocupação e poderão disseminar seus conhecimentos de diferentes formas, seja por meio da educação – como professores –, seja por suas próprias experiências enquanto profissionais de museus ou de áreas da cultura, no caso dos estudantes da pós-graduação.

Tratando-se dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade em especial, temos, em dez anos, um total de 150 dissertações defendidas, sendo 75 (em 2018) sobre Joinville e, como dito anteriormente, 24 sobre museus. Desde 2019, tem-se o Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade, que já se iniciou com alguns estudos ligados à problemática dos museus.

Entre os mestres formados pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade há, a saber, 48 que atuam no ensino superior, 46 na área de cultura e 37 no ensino básico ou técnico, e alguns acumulam mais de uma função. Poucas pessoas estão trabalhando em áreas não ligadas ao ensino ou ao patrimônio cultural, o que revela a importância desse programa e de seus grupos de pesquisa para a ampliação e o aprofundamento dos conhecimentos relativos às sociedades progressas e atuais de sua região de abrangência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo chama a atenção para a natural parceria existente entre museus e universidade, utilizando como exemplo um dos vários grupos de pesquisas existentes nas diferentes universidades brasileiras: o Geipac, da Univille. É evidente a importância das pesquisas desenvolvidas pela universidade no âmbito da problemática dos museus, bem como o impacto dos egressos nesse campo de atuação profissional.

Levando em conta que a atividade-fim dos museus é a sua relação com a sociedade ou com seu público (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013), é possível pensar na abrangência das publicações e das apresentações de trabalhos em congressos e outros eventos científicos, realizadas por profissionais e estudantes universitários, como pontes entre os museus e seus públicos? Apesar de ser uma conta difícil de ser feita, é possível estimar qual a abrangência dos textos produzidos pela universidade acerca de museus? Quantas pessoas tiveram e ainda têm acesso aos trabalhos publicados e/ou apresentados nos inúmeros congressos de que professores e estudantes participam discutindo seus trabalhos sobre os museus e seus acervos? Tais publicações chegam aos museus? De que forma são aproveitadas? É possível afirmar que as pesquisas desenvolvidas nas universidades colaboram para que os museus atinjam esses objetivos? Será que esses dados não poderiam entrar no cômputo de público dos museus? Ficam aqui algumas questões para serem analisadas e aprofundadas em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. T. de. **O patrimônio arqueológico guarani no litoral norte de Santa Catarina**: um estudo a partir de acervos cerâmicos e questões de etnicidade. 2017, 321 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017.

ANDREACCI, F.; MELO JÚNIOR, J. C. F. Madeiras históricas do barroco mineiro: interfaces entre o patrimônio cultural material e a anatomia vegetal. **Rodriguesia**, v. 62, p. 241-251, 2011.

BANDEIRA, D. R. *et al.* Resultados preliminares da pesquisa no sambaqui sob rocha Casa de Pedra, São Francisco do Sul, Santa Catarina, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas**, Belém, v. 13, n. 1, p. 207-225, jan.-abr. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 14 set. 2019.

BRULON, B. Pesquisa em museus e pesquisa em museologia: desafios políticos do presente. In: MAGALDI, M. B.; BRITO, C. C. (org.). **Museus & museologia**: desafios de um campo interdisciplinar. Brasília: FCI-UnB, 2018.

CARDOSO, C. D.; GUEDES, S. P. L. C. Representações do Brasil em museus africanos: o comércio atlântico de escravos representado pelo Slave History Museum, na Nigéria. **Caderno de Iniciação à Pesquisa – Univille**, v. 19, p. 106-109, 2016.

CHAGAS, M. Pesquisa museológica. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. dos (org.). **Museus**: instituição de pesquisa. Rio de Janeiro: Mast, 2005. (MAST Colloquia, 7).

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (dir.). **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Icom/Armand Colin, 2013.

ESTEVÃO, L. F. **As possibilidades de identificação do público com a Pré-História regional a partir da exposição de longa duração do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville/Santa Catarina**. 2012, 114 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2012.

ESTEVÃO, L. F.; BANDEIRA, D. R. Mudanças conceituais no campo dos museus e as possibilidades de identificação do público com a Pré-História regional a partir do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville/Santa Catarina. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 25-38, 2013.

FOSSILE, T. *et al.* Integrating zooarchaeology in the conservation of coastalmarine ecosystems in Brazil. **Quaternary International**, 2019a.

FOSSILE, T. *et al.* Pre-Columbian fisheries catch reconstruction for a subtropical estuary in South America. **Fish and Fisheries**, p. 1-14, 2019b.

GUEDES, S. P. L. C.; BANDEIRA, D. R. (org.). **Rita**. Joinville: Editora Univille, 2019.

GUEDES, S. P. L. C.; FINDLAY, E. A. G. **“Hospital público é assim mesmo!”** – representações sociais sobre um hospital público no final do século XX. Joinville: Editora Univille, 2003.

GUEDES, S. P. L. C.; ISSBERNER, G. E. O Memorial de Imigração Polonesa em Curitiba: dinâmicas culturais e interesses políticos no âmbito memorialista. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 25, p. 427-455, 2017.

GUEDES, S. P. L. C.; LOURENÇO, N. L. As representações de surdos adultos sobre o patrimônio cultural da cidade de Joinville. In: MISSIAS-MOREIRA, R. *et al.* (org.). **Representações sociais, educação e saúde: um enfoque multidisciplinar**. Curitiba: CRV, 2017. v. 1.

GUEDES, S. P. L. C.; MOUTINHO, M. Representações do Brasil em museus de Portugal. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 5, p. 31-54, 2015.

HOIÇA, J. J.; GUEDES, S. P. L. C. Guerra do Paraguai: representações do grande conflito do Prata no Museo Histórico Nacional e Museo Histórico Cabildo – Uruguai. In: XVII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SC, 17., 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: Univille, 2018. p. 1-10.

KLOKLER, D. *et al.* Juntos na costa: zooarqueologia e geoarqueologia de sambaquis do litoral sul catarinense. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 20, p. 53-75, 2015.

KREISCH, M.; GUEDES, S. P. L. C. A Guerra do Paraguai: representações e (re)significações do Brasil e dos brasileiros através do Panteão Nacional dos Heróis e o Museu Militar de Assunção. **Caderno de Iniciação à Pesquisa da Univille**, v. 16, p. 109-114, 2014.

LYRA, C. C. Prefácio. In: GONZAGA, A. L. **Madeira: uso e conservação**. Brasília: IPHAN, 2006.

MAROEVIĆ, I. The role of museality in the preservation of memory. In: MAROEVIĆ, I. **Into the world with the cultural heritage**. Museology – Conservation – Architecture. Petrinja: Matica hrvatska, 2004.

MELO JÚNIOR, J. C. F. **Anatomia de madeiras históricas**: um olhar biológico sobre o patrimônio cultural. Joinville: Editora Univille, 2012a.

MELO JÚNIOR, J. C. F. Aspectos anatômicos de madeiras históricas do período colonial do nordeste de Santa Catarina: elementos para conservação do patrimônio cultural. **Revista Confluências Culturais**, v. 1, p. 70-84, 2012b.

MELO JÚNIOR, J. C. F. O uso da madeira em uma serraria do século XX em Santa Catarina. **Balduinia**, v. 59, p. 19-26, 2017.

MELO JÚNIOR, J. C. F. Patrimônio em madeira: saberes tradicionais e arquitetura vegetal como subsídio à conservação da cultura material. **Revista Museu**, v. 1, p. 1-4, 2011.

MELO JÚNIOR, J. C. F.; BARROS, C. F. Da floresta ao mar: o uso de madeiras na construção de canoas da ilha de São Francisco do Sul. In: BANDEIRA, D. R.; ALVES, M. C.; BORBA, F. M. (org.). **Patrimônio cultural de São Francisco do Sul com base na pesquisa em arqueologia histórica**. Joinville: Editora Univille, 2017a.

MELO JÚNIOR, J. C. F.; BARROS, C. F. Madeiras históricas em embarcações tradicionais do baixo Rio São Francisco. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 28, p. 109-123, 2017b.

MELO JÚNIOR, J. C. F.; BARROS, C. F. Madeiras históricas na carpintaria naval de canoas baleeiras da costa catarinense. **Rodriguésia**, v. 68, n. 4, p. 1241-1255, 2017c.

MELO JÚNIOR, J. C. F.; BARROS, C. F.; HESS, M. M.; CARDOSO, C. D. Anatomia da madeira de uma chalana do pantanal mato-grossense. In: MELO JÚNIOR, J. C. F.; KRUEL, V. S. F.; HANAZAKI, N. (org.). **Árvores e madeiras na cultura naval tradicional**. Joinville: Editora Univille, 2019. p. 101-114.

MELO JÚNIOR, J. C. F.; BOEGER, M. R. T. The use of wood in cultural objects in 19th Century Southern Brazil. **IAWA Journal**, v. 36, n. 1, p. 98-116, 2015.

MELO JÚNIOR, J. C. F.; GOMES-SILVA, E.; OURIQUES, M. M. Aspectos anatômicos e etnobotânicos de artefatos zoomórficos em madeira Guarani-Mbyá do aldeamento Pindoty, Araquari/SC. **Ciência e Cultura**, v. 9, p. 47-57, 2013.

MELO JÚNIOR, J. C. F.; HESS, M. M.; OLIVEIRA, G. B.; PFUETZENREUTER, A.; BURITI NETO, A.; SCHWARZ, M. L.; BARROS, C. F. Historical timbers of traditional rafts from along the coast of Pernambuco, northeast Brazil. **International Journal of Development Research**, v. 7, p. 15490-15493, 2017.

MELO JÚNIOR, J. C. F.; MAGALHÃES, W. L. E. Antracologia de fogueiras paleoíndias do Brasil central: considerações tecnológicas e paleoetnobotânicas sobre o uso de recursos florestais no abrigo rupestre Lapa do Santo, Minas Gerais, Brasil. **Antipoda Revista de Antropologia y Arqueologia**, v. 22, p. 137-161, 2015.

MINC – MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano nacional de cultura**. Brasília: MINC, 2009.

NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PEREIRA, S. G. M.; GUEDES, S. P. L. C. O confronto entre índios e colonos na Dona Francisca (1851-1900). **Caderno de Iniciação à Pesquisa da Univille**, v. 1, n. 1, p. 7-21, dez. 1999.

RODRIGUES, J. R.; MELO JÚNIOR, J. C. F. Arqueobotânica das madeiras da Alameda Brüstlein: estudo de caso de um sítio arqueológico histórico de Santa Catarina. **Revista de Tecnologia e Ambiente**, n. 21, p. 109-120, 2015.

ROKSANDIC, M. *et al.* Introduction. In: THE CULTURAL Dynamics of Shell-Matrix Sites. University of New Mexico Press, 2014.

SAMBATI, D. N.; GUEDES, S. P. L. C.; POLAKOVIC, P. O Museu dos Compatriotas Emigrantes para o Brasil – República Tcheca: uma experiência social. **Revista Confluências Culturais**, v. 3, n. 2, p. 72-84, set. 2014.

SANTOS, A. M. P. *et al.* Macrovestígios arqueológicos vegetais encharcados: subsídios para resgate e conservação. In: GASPAR, M.; SOUZA, S. M. (org.). **Abordagens estratégicas em sambaquis**. Erechim: Habilis, 2013. p. 235-250.

SCHEINER, T. C. Museologia e pesquisa: perspectivas na atualidade. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. (org.). **Museus: instituição de pesquisa**. Rio de Janeiro: Mast, 2005. (MAST Colloquia, 7).

SILVA, P. G. F.; BANDEIRA, D. R. Guilherme Tiburtius e sua relação com o patrimônio arqueológico: do colecionismo à pesquisa arqueológica. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 97-114, 2019.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE. **PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional 2017-2021**. Joinville: Editora Univille, 2019.

VIERTEL, G.; GUEDES, S. P. L. C. A obra *Combate Naval do Riachuelo* como lugar de memória da Guerra do Paraguai. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. No prelo.